

O PENSAMENTO FILOSÓFICO EM SÃO PAULO, NESTE SÉCULO

Constança Marcondes Cesar

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

A reação contra o positivismo, (o qual dominou nosso país durante a segunda metade do século passado) pode ser considerada o denominador comum da maioria das correntes filosóficas vigentes em São Paulo, neste século. Essa reação se fez privilegiadamente de dois modos: a) uma por ruptura com o conceito de ciência aceito pelo comtismo; b) por um esforço visando a restauração da metafísica.

A ruptura com a perspectiva comtiana teve como figuras de proa Amoroso Costa (1885 – 1928) e Teodoro Ramos (1895 – 1935), os quais divulgaram, pela primeira vez, entre nós, as idéias de Russell e Whitehead, e assinalaram a revolução na Física e na Matemática, pondo em evidência o caráter dinâmico e inconcluso do saber científico. Como exemplo e marco dessa nova orientação, podemos indicar a obra de Amoroso Costa, **As Idéias Fundamentais da Matemática**, publicada em 1929 e **Lógica Simbólica**, de Vicente Ferreira da Silva, em 1948.

Expressam essa mudança de orientação, os pensadores ligados à corrente de inspiração neopositivista (Leônidas Hegenberg, Newton da Costa e Oswaldo Porchat Pereira), bem como um pensador interessado na revolução científica do século XX, Milton Vargas, da Politécnica da USP, entre cujos trabalhos podemos indicar "Verdade e Ciência", "Evolução da Ciência Moderna" e o recente estudo sobre a tecnologia no Brasil, publicada na obra coletiva **História das Ciências no Brasil**.

Leônidas Hegenberg nasceu em Curitiba em 1924; bacharelou-se em Física pela USP, doutorando-se em Filosofia. Leciona Lógica no Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos, onde é chefe do Departamento de Humanidades. A divulgação da lógica moderna e estudos sobre filosofia da ciência vem sendo seu campo de atuação. Desse autor, podemos indicar como obras importantes: **Lógica, Simbolização e Dedução; Lógica, Exercícios (I, II, III, IV); Introdução à Filosofia da Ciência**.

Newton da Costa nasceu no Paraná em 1929, doutorando-se aí em 1961; estudou na USP e esteve na Universidade da Califórnia (em 1972 – 73). Publicou em 1962 **Introdução aos Fundamentos da Matemática**, no qual reconhece a necessidade da interpretação lingüística da matemática. Fez estudos sobre a teoria lógica da linguagem, a qual abrangeria os seguintes campos: metassemiótica (ou filosofia da linguagem) e semiótica: **pura** (que trataria dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos da linguagem) e **aplicada** (que teria por assunto a lingüística tradicional e a teo-

ria da ciência). Newton da Costa é um pensador de renome internacional (o mesmo vale para Leônidas Hegenberg, cujas obras a respeito de Lógica vêm sendo estudadas na Universidade de Coimbra) e constituiu um grupo de discípulos, interessados em lógica moderna, entre os quais destacamos Ayda Arruda, Lafayette de Moraes, Luís Paulo Alcântara. Ayda Arruda vem-se interessando por lógica e teoria dos conjuntos e tem seus trabalhos mencionados pela Academia de Ciências de Paris. Lafayette de Moraes, com suas teses de mestrado (*A Lógica discursiva de Jaskowski*), tratando de cálculo proposicional; e doutorado (1973), a propósito de *Lógica Discursiva e Modelos de Kripke*, onde aborda lógica modal divulga aspectos de recentes tendências da lógica. Luís Paulo Alcântara, com tese apresentada em 1972 e estágio nos E.U.A., estuda as contribuições à lógica, por Newton da Costa. Esse grupo de filósofos está atualmente concentrado na UNICAMP. Essa Universidade mantém um Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, dirigido por Oswaldo Porchat Pereira, o qual tem refletido a respeito das contribuições de Boole, Frege, Bunge, Quine, Carnap e Mattes; na USP, João Paulo Monteiro desenvolve trabalhos sobre a obra Popper.

O Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência é, a nosso ver, um dos mais importantes do país, tanto no que diz respeito à qualidade dos trabalhos de seu corpo docente, como ao dinamismo das suas atividades, que envolvem organização de congressos, simpósios, encontros, publicações. A revista **Manuscrito** e os **Cadernos de Lógica e História da Ciência** servem de meio para divulgação dos resultados desses esforços.

A nova visão da ciência está na raiz dos estudos sobre História da Ciência, entre os quais destacamos os livros de Schwartzman, **Formação da Comunidade Científica no Brasil**, e Ferri & Motoyama (Coord.), **História das Ciências no Brasil**.

Entre as correntes filosóficas paulistas que assinalaram a ruptura com a tradição positivista, mediante o projeto da restauração da metafísica, podemos indicar:

a) o **neotomismo**, cujos nomes exponenciais seriam Leonardo Van Acker, Alexandre Correa, Carlos Lopes de Mattos, Goffredo Silva Telles; b) o **existencialismo**, representado por Vicente Ferreira da Silva, Vilém Flusser (ao menos na segunda fase de seu pensamento, conforme indicaremos adiante); c) o **culturalismo**, cujos representantes são: Miguel Reale, Irineu Strenger, Luis Washington Vita. Nessa linha de reafirmação da metafísica, podemos encontrar, ainda, sob inspiração do raciovitalismo de Ortega, o pensador Gilberto de Mello Kujawski; o estudioso do pensamento de Buber, von Zuben (professor da UNICAMP), a quem se deve a tradução, precedida por estudo crítico, do **EU e TU** de Buber; as reflexões em torno do personalismo, de Mounier, que foram objeto da tese de doutorado de Antonio Joaquim Severino.

A corrente neotomista se caracteriza por uma epistemologia realista, uma metafísica espiritualista e tefsta; sua pretensão é reativar a metafísica tradicional inspirada em Santo Tomás. Exemplo desse enfoque é encontrado na obra de Leonardo Van Acker, belga de nascimento (1896), doutor por Louvain, radicado no Brasil desde 1921 e um dos mais importantes pensadores católicos de São Paulo. O professor caracteriza o pensamento filosófico de Santo Tomás, propondo não uma restauração do pensamento tomista, mas uma reativação, um tomismo "aberto", em diálogo com as principais correntes filosóficas contemporâneas. Divulgou também a lógica aristotélico-tomista, nos cursos que deu na PUC de São Paulo. É autor de uma **Introdução à Filosofia** (1932), **A Filosofia Bergsoniana** (1959), **Introdução à Lógica Clássica, Formal e Material** (1971). Sua perspectiva aberta pode ser conferida pela leitura do depoimento que fez para publicação em **Rumos da Filosofia Atual no Brasil**, (organizado pelo Pe. S. Ladusâns). Concebe a Filosofia como ciência rigorosa, cuja tarefa é investigar as primeiras causas e os primeiros princípios, a essência e a existência dos seres, e a lógica como "a ciência da consequência e da verdade de argumentação".

Carlos Lopes Mattos nasceu em São Paulo, em 1910; fez filosofia na São Bento, doutorando-se em Louvain em 1940 com tese a respeito de Santo Tomás. Professor em Capivari, e ex-professor da PUC de São Paulo, tem dois trabalhos interessantes: o **Vocabulário Filosófico** (1957) e o seu estudo sobre Farias Brito (1966).

Alexandre Correa, também professor da PUC de São Paulo, foi tradutor da **Suma Teológica**; Goffredo Silva Telles, autor de um curso de lógica, bastante calcado nas aulas de Van Acker, de quem foi aluno; ambos — Correa e Silva Telles, de significação menor.

O mais expressivo pensador da corrente existencialista é Vicente Ferreira da Silva. A influência marcante, em seu pensamento, é da filosofia heideggeriana. Sua **Obras Completas** estão publicadas, em dois volumes, pelo Instituto Brasileiro de Filosofia. Vicente influenciou poderosamente sobre a obra de Vilém Flusser, filósofo europeu nascido em 1920, em Praga, que lecionou na Politécnica da USP e na FAAP. Em depoimento a Ladusâns, Flusser assinala essa influência na segunda fase de sua obra, afirmando que o contato com Vicente o conduziu a uma mudança de perspectiva no que diz respeito à leitura de Wittgenstein, Heidegger, Rilke, Kafka, Fichte, Hegel, Nietzsche. A influência de Milton Vargas, por sua vez, o conduziu a estudos a respeito da Teoria da Comunicação e Filosofia da Linguagem. Entre suas obras, é possível assinalar: **Da Religiosidade, História do Diabo**.

A corrente culturalista tem como representante exponencial Miguel Reale, autor de inúmeras obras, tais como: **Filosofia do Direito** (1953), **Pluralismo e Liberdade** (1963), o **Direito como Experiência**

(1968), **Lições Preliminares de Direito** (1973), e os recentes **Experiência e Cultura, A Filosofia em São Paulo**.

O homem e seus horizontes, seu último livro, resume as teses centrais de sua metafísica e mereceu de Alceu Amoroso Lima grande atenção.

Professor da Universidade de São Paulo, da qual é livre-docente; ex-reitor dessa Universidade; fundador do **Instituto Brasileiro de Filosofia** (1949); diretor da **Revista Brasileira de Filosofia** (1951), Miguel Reale, ao lado de Ferreira da Silva, contribui para a afirmação do pensamento metafísico em São Paulo. É autor da teoria tridimensional de Direito propõe uma filosofia do concreto, uma ontognoseologia, que encara a metafísica como o "lugar geométrico" de toda filosofia, e mostra a dialética de implicação e complementaridade que há entre a filosofia e a vida. Reale afirma a autonomia da cultura. Entende por **cultura** os bens objetivados pelo espírito humano e por **bem**, tudo o que é considerado valioso. Apesar da autonomia e criatividade que caracterizam a atividade humana, esta é orientada pelo interesse e a necessidade. Para que haja adesão universal aos valores culturais e para que estes sejam propulsores do vir-a-ser, é necessário que seu fundamento seja a **moralidade**. Por isso, o autor a encara como o elemento essencial da evolução da cultura e afirma que, na história, podemos distinguir as épocas, segundo as distintas hierarquias de valores que se propuseram aos homens. A filosofia deve promover o pluralismo da cultura, o diálogo universal de idéias; não é saber de salvação, não dá soluções prontas a todos os problemas humanos, mas deve conduzir o homem a uma fidelidade a si mesmo, que permita conciliar os valores da subjetividade (humanismo clássico) como os da objetividade (humanismo científico). O autor aponta, ainda, a necessidade de uma renovação religiosa para o homem contemporâneo. Na filosofia do direito, apresenta a teoria tridimensional do direito (a qual afirma que os elementos a serem levados em conta, são por essa ciência: fato, valor e norma) nitidamente apoiada no pensamento neo-kantiano.

O culturalismo se caracteriza por: o enfoque da cultura como processo autônomo de criação de valores; a crítica ao mundo contemporâneo, a crise da ciência como crise de valores; a busca dos valores últimos, da instância metafísica na análise dos problemas; a recusa de uma filosofia "pura" em favor de uma filosofia concreta; a aceitação do pluralismo de perspectivas filosóficas; o reconhecimento de três domínios privilegiados de interesse: A) **a natureza**, o dado bruto, objeto da ciência e campo da atuação do princípio de causalidade; B) **o pensamento**, âmbito da **Lógica** e domínio da liberdade; C) **a cultura**, domínio da Filosofia e da criação humana. O domínio da **natureza** e do **pensamento** constituem o âmbito do **factum**, isto é, do não-criado pelo homem; o domínio da **cultu-**

ra, o âmbito dos valores. Daí a escola distinguir três tipos de objetos: os naturais, os ideais e os culturais, aos quais correspondem três tipos de saber: o saber prático, a lógica matemática, a axiologia.

São outros autores da escola: a) **Strenger**, nascido em São Paulo em 1923, bacharelado em Direito e Filosofia, livre-docente da USP; entre seus trabalhos é possível mencionar a **Fenomenologia Diamática**; sofre a influência de Husserl, Scheler, Paci, Ortega e Reale; b) **Luis Washington Vita** (1921 — 1968), o qual cursou Direito e Filosofia na USP. Autor de estudos sobre pensamento filosófico brasileiro, entre os quais: **Tríptico de Idéias, A Filosofia Contemporânea em São Paulo, Panorama da Filosofia no Brasil**.

Vita explicitou a crença na capacidade das idéias atuarem sobre o meio. Reconheceu três dimensões, na cultura: a) a cultura enquanto atividade humana, objetivando bens (expressão do **espírito subjetivo**, que é objeto da antropologia filosófica); b) a cultura enquanto mostra a vida humana objetivada em bens culturais (**espírito objetivo**); c) as relações entre a) e b), onde a cultura deve ser compreendida como elucidação das diferentes formas de saber.

É preciso assinalar ainda, em São Paulo, a presença de uma corrente filosófica de importância menor (do que diz respeito aos movimentos dominantes de reação a uma concepção de ciência como saber acabado e aos da restauração da metafísica): a corrente marxista, o neomarxismo, de que Cruz Costa e Caio Prado Júnior seriam os expoentes.

Cruz Costa (1904), recentemente falecido, tentou uma aproximação entre o marxismo e o positivismo. Sua contribuição diz respeito a estudos a propósito da História da Filosofia no Brasil.

Caio Prado, nascido em 1907, fez Direito e especializou-se em Economia, Sociologia e História. Livre-Docente da escola Politécnica da USP, representa o marxismo ortodoxo. Obras importantes do autor: **Dialética do Conhecimento** (1952) e **Notas Introdutórias à Lógica Dialética** (1959). Esta última, embora seja um dos poucos livros de Lógica Dialética de que dispomos em português, apresenta escassa importância filosófica.

Dentro da linha de pensamento de inspiração marxista é possível assinalar trabalhos mais interessantes, que vem sendo realizados por Marilena Chauí, da USP, no que tange à identificação e crítica das ideologias. Um pequeno livro, de publicação recente, **Que é Ideologia ?**, ilustra este tipo de indagação.

Embora não se prenda propriamente à corrente existencialista, por se encontrar sob a influência do raciovitalismo de Ortega, o qual encara a metafísica como ciência da realidade radical (a da vida humana), Gilberto de Mello Kujawski, nascido em 1929, em Ribeirão Preto, tendo cursado Filosofia na PUCSP e Direito na USP, sofreu o impacto profundo do pensamento de Vicente.

Para esse autor, a tarefa da filosofia no Brasil, é conduzir nosso país à autoconsciência, através da razão histórica; pois, para ele, não basta conhecer; filosofar não é apenas saber, mas **viver** filosoficamente. Filosofia e ciência, filosofia e política, estão em relação estreita, mas não são subordinadas uma à outra. Campos privilegiados do saber filosófico são a metafísica e a ética; a primeira, compreensão de que “eu sou eu e minha circunstância”, no dizer de Ortega; a segunda, saber a que se ater. Reflexão sobre a vida e sobre os valores; essa, a tarefa da filosofia de Kujawski, que se abeira ainda em Kierkegaard, Nietzsche, Bergson, Dilthey, Scheler, Heidegger, Husserl. Seu livro, **Descartes existencial**, exemplifica essa abordagem.

Até agora, assinalamos denominadores comuns e diferenças entre as escolas filosóficas, bem como seus autores mais representativos. É preciso compreender que essas escolas e autores não existiram isolados uns dos outros. Na verdade, estiveram (e estão) congregados em torno de Institutos:

a) A Fac. de Fil. São Bento (1922), fundada em São Paulo como centro de divulgação do neotomismo e de restauração da metafísica. Contou, entre os professores, com os mais significativos representantes do movimento, em São Paulo; Leonardo Van Acker, Alexandre Correa, Carlos Lopes de Mattos. Atualmente reúne pensadores da filosofia de inspiração cristã, como Severino, estudioso da antropologia filosófica de Mounier e da filosofia no Brasil; Pinheiro Machado, autor de uma **História da Filosofia no Brasil** e criador de um centro de estudos de pensamento brasileiro, na PUCSP.

b) A Universidade de São Paulo, fundada em 1934, com pensadores de inspiração marxista e positivista: Cruz Costa, Caio Prado; Monteiro, Chauí, atualmente.

c) O Instituto Brasileiro de Filosofia, fundado em 1949, por Reale, do qual participam filósofos das mais diversas orientações, ministrando cursos, conferências: Ferreira da Silva, Caio Prado, Van Acker, Strenger, Czerna, Vita, Hegenberg, Milton Vargas, entre outros. O IBF edita, desde 1951, a **Revista Brasileira de Filosofia**.

d) A Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, dirigida em São Paulo pelo Pe. Ladusãns, promovendo conferências e debates filosóficos, aproximando pensadores católicos de diversas orientações filosóficas.

e) O Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, da UNICAMP, com estudiosos da linha de filosofia analítica e neopositivista, predominantemente. Dele participam Ayda Arruda, Porchat, Lafayette de Moraes, Elias Alves, Newton da Costa (colaborador), entre outros. Editam a Revista **Manuscrito** e **Cadernos de Lógica e História da Ciência**.

Por iniciativa desse grupo, encabeçado por Newton da Costa e Ayda Arruda, foi fundada, em 1979, a Sociedade Brasileira de Lógica, tendo Leônidas Hegenberg, entre seus membros.

Schwartzmann, no **Formação da Comunidade Científica no Brasil**, assinala a criação da USP como um marco na radical mudança de orientação entre os cultores das ciências no Brasil: a mudança que conduziu ao rompimento com a tradição positivista e fez nascer **ciência** de boa qualidade no Brasil. Analogamente, aplicando esse raciocínio ao campo da filosofia, podemos dizer que, na primeira metade do século, o surgimento das Universidades (Católica e USP), e a fundação do Instituto Brasileiro de Filosofia, marcaram nossa maioridade filosófica. Faz-se filosofia, em São Paulo, de alta qualidade: os estudos de nossos autores alcançam repercussão internacional (considere-se, a propósito, as contribuições de Ferreira da Silva e de Reale) o mesmo acontecendo, em época mais recente com os trabalhos levados a efeito no campo da lógica e filosofia da ciência, em que deve ser destacada a contribuição da UNICAMP (escritos de Newton da Costa, por exemplo, sobre lógicas paraconsistentes).

A publicação de revistas: **Diálogo**, na USP; **ITA-Humanidades**, no ITA; **Manuscrito**, na UNICAMP; **Reflexão**, na PUC de Campinas; **Cader-nos de Filosofia**, na PUCSP; **Revista Brasileira de Filosofia**, do IBF, também são sinais indicadores dessa maioridade filosófica.

O breve exame das correntes e dos autores não foi exaustivo; deixamos de lado muitas contribuições, assinalando apenas, com ênfase, as duas tendências de maior peso (segundo nos indica Antonio Paim, no "História da Filosofia no Brasil", publicado em Ferri & Motoyama, **História das Ciências no Brasil**, vol. I): o culturalismo e o neopositivismo.

A filosofia existencial, embora tenha em São Paulo seu máximo expoente, Ferreira da Silva, se desenvolve com menor expressão; é bastante indicar que os maiores representantes dessa orientação, no Brasil, com exceção de Ferreira da Silva, não são paulistas: Ernildo Stein (RGS), Carneiro Leão (RJ), Maria do Carmo Tavares de Miranda (Recife), para indicarmos apenas os autores que se vinculam à inspiração heideggeriana.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- FERRI & MOTOYAMA, **História das Ciências no Brasil**, SP, EPU/EDUSP.
 JAGUARIBE, **A Filosofia no Brasil**, RJ, ISEB, 1957.
 LADUSÃNS (org.), **Rumos da Filosofia Atual no Brasil**, Loyola.
 PAIM, "Trajetória da Filosofia no Brasil", in Ferri & Motoyama **op. cit.**, pp. 10 – 34.

- VITA, **A Filosofia Contemporânea em São Paulo**, SP, EDUSP/IBF/Grijalbo, 1969.
- VITA, "A Filosofia no Brasil" in Sciacca, **História da Filosofia**, vol. III, SP, Mestre Jou, 1966.
- VITA, **Tríptico de Idéias**, SP, EDUSP/Grijalbo, 1967.
- VITA, **Panorama da Filosofia no Brasil**, P. Alegre, Globo.
- SWARTZMANN, **Formação da Comunidade Científica no Brasil**, SP, Nacional, 1969.
- HEGENBERG, "Lógica e Filosofia da Ciência no Brasil", in Crippa, **História das Idéias Filosóficas no Brasil**, SP, Convívio.